

## Os conservadores e o atraso

Eu me recordo de um exame de tese da professora Paula Berguelman, lá pelos idos de 1960, quando o saudoso Sérgio Buarque de Holanda, com a erudição, a competência e o senso de humor que lhe eram próprios, opôs-se à interpretação da então candidata ao doutorado sobre o pensamento conservador no Império. Paula citava Burke e outros gigantes do pensamento conservador para caracterizar a versão cabocla da mesma vertente. Sérgio redarguiu dizendo que, no caso brasileiro, os autores citados pela doutoranda não eram conservadores, mas apenas atrasados.

Com efeito, a visão conservadora da história e a fundamentação teórica da política conservadora requerem uma estruturação específica, uma justificativa de por que não aceitar tal ou qual reforma e às vezes até de porque aceitá-las, para preservar a integridade de uma concepção das coisas e dos homens. À visão conservadora se oporão, por certo, os revolucionários e os progressistas; mas a posição conservadora costuma ter racionalidade e consistência.

Outra coisa bem diferente é a reação a qualquer inovação ou proposta por desconhecimento dos efeitos que elas possam produzir ou, pura e simplesmente, por ignorância.

Pois bem, nos difíceis quarenta dias de discussão e finalmente de aprovação do regimento interno que deverá permitir os trabalhos de elaboração da nova Constituição eu, muitas vezes, me recordei de Sérgio Buarque. Ouvi tanto comentário desinformado e senti tantas reações imediatas a qualquer inovação, por pequena que fosse, que tive que conter o ímpeto de dizer, simplesmente: mas quanto atraso...

Pouco a pouco, entretanto, as pessoas vão se acostumando com o que é apenas diferente e o que antes parecia uma terrível ameaça radical se redefine. Assimilam-se as diferenças e percebe-se que não se trata de "radicalismo", com a acepção pejorativa que a direita gosta de dar a tudo que é mudança, mas apenas de modernizar um pouco a vida política brasileira.

Não quero com isso desmerecer os ganhos reais em termos de participação do conjunto de constituintes e também da própria sociedade no processo constitucional brasileiro. Comparado com os regimentos internos de nossas Constituições passadas e com o modo de elaborar as Constituições dos países que se redemocratizaram nos últimos quinze anos, levamos a palma.

Espero que tudo dê certo. Iniciativa popular, audiências públicas, múltiplas comissões temáticas ao invés de uma Grande Comissão, Comissão de Sistematização —que, apesar das versões é o oposto de uma grande comissão, pois funciona ex-post para harmonizar e compatibilizar, ao invés de propor de início— tudo isto requer muita engenharia política para produzir à contento a nova Constituição.

Calo, de propósito, sobre a questão da soberania, já disse tantas vezes o que penso que repito agora, apenas parte do que já expus: nada pior do que ter de dizer que se tem ou até que ponto se dispõe de soberania política. Ou se a exerce, nos limites do jogo democrático, ou é melhor passar a outras questões.

De toda maneira não venceu o pior dos partidos, que para mim não é o conservador, mas o do atraso. Houve a efervescência, conflito, negociação e, principalmente, participação ativa de todas as correntes. Nenhuma delas dirá que no Regimento não se acolheu algo de ponderável, desde que razoável, do que cada partido propôs.

Talvez por isso mesmo, nenhum setor se sinta plenamente satisfeito. Mas espero que todos os partidos reconheçam que o esforço feito por todos, foi muito grande. Com isto se conseguiu que das transigências recíprocas se salvasse o princípio da democracia para que pudessemos começar logo a elaborar a nova Constituição que sepultará o "entulho autoritário".

Em tempo: pelo menos quanto ao prazo ganhamos da Constituinte de 1946. E não foi feito a partir de uma pequena comissão, mas de proposta de todos os líderes partidários, totalmente refeita pelas 1.500 emendas dos constituintes de 1987.

SBH  
Htp 93-20

Folha de Paulo  
12.03.1987